

Educação

Dilema Contemporâneos

Volume III

Lucas Rodrigues de Oliveira
Organizador



Pantanal Editora

2020

Lucas Rodrigues de Oliveira
(Organizador)

EDUCAÇÃO DILEMA CONTEMPORÂNEOS

VOLUME III



2020

Copyright© Pantanal Editora
Copyright do Texto© 2020 Os Autores
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora
Edição de Arte: A editora. Capa e contra-capas: canva.com
Revisão: O(s) autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Me. Ernane Rosa Martins – IFG
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto González – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – ITSON (México)
- Profa. Msc. Lidiane Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Dra. Patrícia Maurer
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI

- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>Educação [recurso eletrônico] : dilemas contemporâneos: volume III / Organizador Lucas Rodrigues de Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020. 282p.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-88319-30-7 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319307</p> <p>1. Educação. 2. Freire, Paulo, 1921-1997. I. Oliveira, Lucas Rodrigues de. CDD 370.1</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es). O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

Contemporaneamente, a educação brasileira está envolta por tantas situações diversas, envolvendo todos os seus níveis e modalidades, que foi possível a composição desse terceiro volume da obra: “Educação: Dilemas Contemporâneos” – agora, há o foco no fazer pedagógico, diversidade na educação, racismo, histórias em quadrinho, educação em tempos de pandemia, entre outros assuntos.

Não há dúvidas de que a educação é muito complexa para, em qualquer momento da história, existir sem dilemas. Por isso mesmo é que o debate e as reflexões sobre o tema são sempre presentes no meio acadêmico. A escola, para cumprir seu papel social, precisa, sim, ser colocada em xeque – é preciso refletir sobre a educação!

Analisando o percurso histórico da educação nacional, não se pode negar que muitos avanços já aconteceram, mas não sem muita luta e empenho de educadores e outros agentes envolvidos com a escola e com a sua universalização. Por isso, as discussões acerca da educação não devem ser abandonadas.

A presente obra tem como objetivo oportunizar a vários pesquisadores, professores e estudantes momentos para contribuírem, de forma significativa, com reflexões acerca dos processos que envolvem a educação brasileira. Assumimos, desde já, que as questões que envolvem a contemporaneidade da educação não conseguirão ser esgotadas aqui!

Lucas Rodrigues de Oliveira

SUMÁRIO


Apresentação	4
Capítulo I	7
Diálogo, trabalho docente, interdisciplinariedade e o legado de Paulo Freire à educação emancipadora.....	7
Capítulo II	14
Militarização da escola pública: a solução dos problemas?.....	14
Capítulo III	29
A reforma no Ensino Médio brasileiro na visão de gestores de escolas da cidade de Ubá, MG ...	29
Capítulo IV	44
A Invisibilidade do tema sexualidade e gênero na vida das pessoas com deficiência	44
Capítulo V	54
Formação inicial de professores: concepções pedagógicas progressistas e aplicacionistas e a identidade docente	54
Capítulo VI	76
Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores.....	76
Capítulo VII	97
Gênero e sexualidade na escola na era Bolsonaro: retrocessos e resistências	97
Capítulo VIII	119
PROEJA e Cultura Afro-Brasileira: Dicotomias visíveis a partir da Análise Documental	119
Capítulo IX	147
História, Filosofia e Didática das Ciências: uma análise a partir do Currículo dos cursos de formação de Professores em Ciências/Química	147
Capítulo X	159
Cartas do isolamento: reinvenção do existir	159
Capítulo XI	170
Como fazer escola sem estar na escola: reflexões pela ótica da complexidade.....	170
Capítulo XII	182
Riscos para a Educação mediante a agenda neoliberal no contexto da Pandemia do Covid-19..	182


Capítulo XIII	194
As histórias em quadrinhos como fomento para o incentivo e a formação leitora em tempos de pandemia	194
Capítulo XIV	206
Luiz Agassiz (1817-1873): racismo e eugenia na bagagem do viajante	206
Capítulo XV	239
O direito à educação na legislação brasileira e a judicialização da educação como garantia desse direito	239
Capítulo XVI	258
Grêmios de professores públicos do Paraná: O I congresso de professores públicos do estado do Paraná (1910)	258
Sobre o Organizador	278
Índice Remissivo	279


Cartas do isolamento: reinvenção do existir

Recebido em: 03/08/2020

Aceito em: 10/08/2020

 10.46420/9786588319307cap10

Hildeana Nogueira Dias Souza^{1*} 

João Batista Santiago Ramos² 

INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta reflexões, a partir do interesse dos autores, relacionadas às questões geradoras que cercam os impactos vividos por pessoas idosas durante a pandemia da Covid-19. Nesse sentido, buscamos uma das mais antigas e usadas formas de comunicação entre as pessoas para compreender, através de seus escritos, como estão superando esse período tão difícil.

Escrever cartas foi o meio que encontramos para nos comunicar, visto que ainda é grande o número de idosos que não têm celulares com acesso à internet, para estar conectado às redes e aplicativos sociais ou têm o aparelho, porém não têm habilidades para acessar as redes sociais e poucas pessoas dispostas a ajudar. As cartas escritas e relatos de experiências vêm do projeto denominado “Ciclo de Reuniões”, através da oficina “Do fundo do Baú”, que faz parte da atividade Trabalho Social com Idosos (TSI), vinculado ao Programa Assistência, do Serviço Social do Comércio – SESC.

Acreditamos que a carta é uma opção “viável” mesmo para os poucos analfabetos do grupo, pois durante a divulgação da proposta, para os que não sabiam ler e escrever, foi dada como alternativa a intervenção de familiares de sua confiança para transcrever, na íntegra, a história e os sentimentos dos idosos para o papel.

A impossibilidade de nos encontrarmos pessoalmente para as rodas de conversa e leitura de nossas cartas e textos exigiu que nos readaptássemos e nos reinventássemos para que o projeto não

¹ Avenida Barão do Rio Branco, nº 10, bairro Nova Olinda, Castanhal, Pará, Brasil. Assistente Técnica da Atividade Trabalho Social com Idosos do Sesc/Pará, Professora de Educação Física (UFPA), especialista em Gerontologia (FACINTER) e Titulada Gerontóloga pela SBGG. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos da Amazônia – PPGEEA/UFPA.

² Avenida dos Universitários, s/n, Jaderlândia, Castanhal, Pará, Brasil. Possui graduação em Filosofia pela Fundação Educacional de Brusque (1992). Especialista em História da Educação na Amazônia. Doutor em filosofia pela Universidade do Porto - Portugal. É Professor Adjunto III. Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos da Amazônia – PPGEEA/UFPA. Publicações regulares acerca da Ética e da Filosofia da Libertação em Periódicos e Livros no Brasil e em Portugal.

* Autor correspondente: hildeanageronto@gmail.com

parasse por completo. Foi pensado então em alternativas para resgate dessas cartas, incluindo um lugar fixo no centro da cidade, onde as cartas poderiam ser deixadas ou seriam resgatadas pela responsável nas portas das casas dos participantes seguindo as devidas orientações vindas do Ministério da Saúde.

O nosso lema era “viver um dia de cada vez”, mesmo que esse dia seja frente ao futuro e que ainda nos traga angústia a cada dia vivido. Ao passar dos meses durante o isolamento, as perguntas surgiam: Quando a quarentena irá acabar? Quando retornaremos à normalidade da vida? Será que vou contrair esse vírus? Será que vou transmitir aos idosos da minha família? Será que vou morrer pelo fato de ser uma pessoa idosa? Como ficarão as minhas finanças? Situações que acabam gerando um estado de alerta constante.

É nesse sentido que ganha força a escrita de Morin quando afirma que,

Não sabemos quais as consequências políticas, econômicas, nacionais e planetárias das restrições causadas pelos confinamentos. Não sabemos se devemos esperar o pior, o melhor, ou uma mistura dos dois: caminhamos na direção a novas incertezas (Morin, 2020).

Diante de todas essas reflexões, podemos perceber esse incômodo angustiante, o que observa nas palavras dos mesmos

Eu sempre me considerei pela minha história de vida, uma pessoa forte; as vezes até fria, mas hoje desmoronei, caí mesmo, chorei pensando, quando isso vai acabar? e quando voltamos para o Sesc que não encontrarmos nossos amigos será que não sobreviveram a covid-19, qual será nosso sentimento nessa hora, nossa reação, só Deus para nos amparar (Dor, 76 anos).

[...]Somos uma família de 10 pessoas, entre marido, mulher, filhos, netos e genros; não ficou um que não tenha sido infectado pelo coronavírus. A partir daí travamos uma batalha em favor da vida. O que não nos faltou foi a fé em Deus. Todos os dias as 18h, quem conseguia levantar se juntava e se punha a rezar e agradecer a Deus a mais um dia de vida. Contudo fomos: um dia de cada vez, até a vitória [...] (Fé, 62 anos).

[...] Estou achando muito ruim esse período difícil. Tá demorando muito passar! O meu medo é perder alguém da minha família, outro medo é de adoecer e não poder ver meus filhos. Minha dificuldade é ficar só em casa sem sair para lugar nenhum. Contudo estou aprendendo a dar mais valor à liberdade (Tristeza, 63 anos).

Nesse período é necessário escutarmos e reconhecermos que sentimentos estão emergindo. Após essa análise e fazendo essa reflexão é hora de enfrentarmos a situação em que nos encontramos. É possível perceber nas falas essa consciência, “[...] derrepente tivemos que parar tudo e ficarmos isolados em nossas casas, para que ficássemos protegidos de um vírus [...]” (Medo, 72 anos).

Percebemos em diversas falas que a fé, por muitas vezes, foi colocada em dúvida, “Meu Deus! Como está difícil, eu sei que devemos crer, confiar e aceitar a vontade do pai, mas tá difícil” (Dor, 76 anos).

Existe também uma mistura de sentimentos percebida em “Neste período senti um pouco de tudo, o seja, medo de não ter saído vivo dessa e de nunca mais rever meus amigos do Sesc [...]” (Amor, 64 anos).

O valor dado à importância da família em suas vidas foi fundamental para um reconhecimento no cuidar do outro nessa fase da vida. “[...] essa quarentena me fez refletir o quanto as pessoas são importantes para mim. Estou com muita saudade de todos. Nesse período tenho tido total apoio da minha família e do grupo do Sesc” (Amizade, 64 anos).

Desse modo, percebemos também no discurso de outros sujeitos a importância a valorização do vínculo familiar, uma vez que

O confinamento para mim é um tempo que eu pude refletir mais sobre o valor da vida longe de tudo e de todos. O coronavírus me fez pensar como viver longe dos familiares, dos amigos e da igreja é difícil. Ficando presa dentro de casa, sem poder dar um beijo, um abraço a quem se ama [...] (Preocupação, 75 anos).

[...] Estou refletindo melhor, e me fez ver o quanto é bom ter família, amigos e poder ter sua liberdade de poder ir e vir, sem medo de se contaminar ou passar essa doença para outra pessoa. Infelizmente só com essa Covid-19 para me mostrar tudo isso (Força, 63 anos).

[...] Com o decorrer dos dias o medo foi tomando conta dos meus sentimentos e eu me enxergando longe de meus familiares e amigos, pois uma imensurável tristeza não somente por essa conjuntura pessoal, mas também por saber que tantas vidas não estavam mais em nosso meio (Medo, 72 anos)

A solidão é um sentimento que surge nesse momento em reflexo ao isolamento social. As pessoas velhas saudáveis e com autonomia estão “protegidas” em suas casas, com sentimento de medo, insegurança e até mesmo mais vulneráveis a sofrer violência psicológica por parte de seus familiares. “Passo o dia só, com minha máquina de costura a costurar, a bordar, procurando criar alguma coisa que ocupe meu tempo” (Dor, 76 anos).

Qual era a orientação antes dessa pandemia? Que a pessoa idosa devia interagir socialmente, integrar-se em grupos, construir amizades, buscar conhecimento. O ano é 2020, o mês é março e as orientações mudam completamente. Pessoas idosas são consideradas do grupo de risco de uma pandemia nunca vivida antes em nosso mundo. E o que eles fazem? Eles estão tentando se recriar e se reinventar a cada dia. O pensamento de um dia de cada vez é verificado na fala do sujeito, pois

Com esse isolamento necessário, estou buscando muitas ocupações, como ocupar a mente fazendo leitura de bons livros, incluindo minha bíblia, fazendo meus bordados e crochê, rede, etc...enfim, de tudo um pouco para não ficar ociosa, além de minhas ginásticas, dança com minha filha, que graças a Deus está comigo e sempre convidando para fazer alguma coisa diferente (Força, 63 anos).

Os Gerontólogos e Geriatrias, profissionais que discutem o processo do envelhecimento humano, uniram-se dentro de suas possibilidades para escutar esses idosos, levando informações e dando dicas de como viver nesse período sem que tivessem prejuízo da sua saúde mental. Lembrando-lhes sempre que essa fase difícil iria passar.

Hoje, o nosso “maior inimigo” é invisível e não respeita classe social, credo, escolaridade, poder aquisitivo, acesso ao sistema de saúde, não faz distinção entre países desenvolvidos ou em desenvolvimento, não se importa com posições políticas ou discursos inflamados sobre defender ou

acusar quem adota esta ou aquela posição. Esse inimigo é cruel. Não sabemos quando vai acabar, não sabemos ainda quantos irão adoecer, quantos vão morrer, quantos vão sobreviver. O que sabemos é que pessoas velhas, não só são vulneráveis, como fazem parte do grupo de risco dessa pandemia e do maior número de mortos. Nesse sentido, pode-se afirmar que:

O mundo está enfrentando um inimigo invisível aos olhos que demonstra uma característica bem peculiar: ele mata com muito mais voracidade os velhos. Velhos, no sentido cronológico da palavra, com mais anos vividos desde o nascimento. Ainda que os mais jovens também estejam morrendo e sendo vítimas deste que é o mal do século (ou dos séculos, já que não se tem até o momento, comprovação científica de qual seria a cura), o número de velhos mortos é ainda muito mais expressivo pelo mundo afora (Verdi, 2020).

Há um sofrimento natural devido ao isolamento por parte de todos, principalmente pelos idosos, nesse momento. É assustador não poder abraçar, beijar e evitar contato físico com os idosos de nossas famílias. Alguns relatos apresentam que “Já se passaram quase 4 meses, que estou nesse confinamento de não poder sair de casa e sem poder receber ou visitar parentes, amigos, de não poder dar um abraço nos netos, filhos, nora, amigos, namorado” (Força, 63 anos).

Outros relatam que “Um dos piores momentos desse período foi no dia em que as netas vieram até a minha porta e eu não podia mandar entrar e nem abraçar, então chorávamos todos” (Realidade, 63 anos).

Como fazer para que idosos entendam da necessidade de estar isolado socialmente e que essa atitude é o melhor a se fazer considerando que a prevenção é a melhor orientação de nossos órgãos de saúde? Se não está sendo fácil para os idosos que recebem apoio de seus familiares incluindo: filhos, netos, noras, genros, imagina para os idosos que moram sós e que as vezes não têm nenhum familiar por perto. Outro relato apresenta que “O isolamento já completa 4 meses sem poder ir nem na casa dos filhos e nem no Sesc. Esse isolamento, tá me parecendo viver o tempo que era criança. Não pode isso, não pode aquilo” (Liberdade, 76 anos).

Ninguém nunca estará preparado para esse tipo de situação que se vive. Idosos ativos, autônomos, protagonistas, participativos, viajantes, de uma hora pra outra, “trancados” ou “protegidos” em suas residências e sem receber visitas de familiares e amigos. Como manter a nossa saúde mental equilibrada nesse período? Quais orientações estamos oferecendo às pessoas idosas?

As orientações recebidas de profissionais da saúde e órgãos competentes para os familiares de pessoas idosas se resumiam em pequenos cuidados como: ligar com frequência para seus idosos, fazer contato via mensagem, procurar ver se os medicamentos estão dia, verificar se estão se alimentando com qualidade e se a hidratação está sendo feita, a limpeza da casa estava em dia, orientar em relação a evitar receber e fazer visitas, fazer as compras de supermercado para eles, saber se as orientações dos órgãos de saúde estão sendo feitas como: lavar as mãos de forma correta, higienizar com álcool em gel, entre outros.

Pudemos observar a tristeza em não poder mais exercer a profissão “Não estou triste, mas sinto um vazio que não sei explicar. Parei de pegar roupas para costurar por conta da contaminação. Achei melhor evitar” (Liberdade, 76 anos). E também o sentimento de culpa, por precisar expor pessoas para não se expor, devido à condição de estar no grupo de risco. “Como que eu para me proteger, jogava meu filho para a frente da batalha, isso é justo? E ainda continua! Até quando? (Aprendizado, 72 anos). Neste sentido, verificamos também na fala do sujeito a preocupação do cuidado com o que cuida. Por conseguinte,

[...] Eu me isolei com meu filho, ele é quem saía para fazer as compras o necessário para nos mantermos. Ele tomava todos os cuidados com ele e me superprotegia, até que um dia ele foi infectado. Me senti muito culpada porque ele protegia tanto a mim e descuidou de si próprio (Esperança, 70 anos).

Dentre as orientações dadas às pessoas idosas, sugeriu-se escolher um período do dia para ouvir as informações sobre a pandemia. Talvez as inúmeras informações repassadas poderiam trazer confusão e angústia. É possível perceber uma certa resistência ao excesso de informações “[...] não gosto de assistir jornal, só dá notícias tristes” (Ansiedade, 86 anos) também “[...] era um martírio, até hoje ainda não deixou de ser, assistir ao jornal ou qualquer programa de TV, que informe números de infectados e mortos desse terrível vírus. (Realidade, 63 anos)” além disso “Não estou gostando do que estou vendo através da imprensa, a falta de ‘juízo’ das pessoas que nem usam mais a máscara para proteger a sua própria saúde e a do semelhante” (Confinamento, 74 anos).

Entendemos que é importante também orientar que você precisa fazer o que você acredita que é possível fazer. Não existem regras nesse caso. É necessário que se tenha consciência de suas limitações e de suas possibilidades. Desse modo podemos constatar nas falas “Estou sempre procurando alguma coisa para preencher o tempo, cuidando das minhas plantas, costuro, bordo e cozinho, amo cozinhar” (Gratidão, 81 anos). Sem dúvida a necessidade de se manter ativo e capaz de reorganizar sua rotina com autonomia é inegavelmente muito importante,

Para não ficar parado totalmente, faço aquecimento dentro do quarto e posteriormente alguns alongamentos para não deixar o corpo parado por inteiro. E assim vou levando até acabar essa longa espera, e tudo volte ao normal [...] (Amor, 64 anos).

Uma equipe da Residência Multiprofissional em Saúde Mental elaborou um manual de estratégias para manutenção da saúde mental em tempos de Pandemia e de acordo com a contextualização do documento, acredita-se, pois, que

Cada pessoa, reage a esse momento de uma maneira diferente, como o indivíduo responde depende de sua formação, que fase da vida está (criança, adolescente, adulto, idoso), sua história de vida, características particulares, comunidade em que vive e que recursos estão disponíveis para esse momento cessa a internet, tv a cabo, recurso financeiro, entre outro (Pithan et. al., 2020).

Em relação a isso, podemos perceber que cada sujeito idoso, enfrenta a situação de maneira diferente. Alguns buscando alternativas de até mesmo aumentar sua renda financeira nesta crise. “Em casa estou fazendo as minhas obrigações e também costurando, pois peguei uma encomenda de máscaras e com isso ocupo meu tempo livre que agora já é pouco” (Assistência, 74 anos). Nessa outra fala, percebemos que a rotina diferente serviu como válvula de escape para a tristeza que sentia. “[...] passei a costurar o dia inteiro e às vezes até entrava pela noite, para superar a falta que sentia de todos. Chorei muito escondida e assim me aliava a tristeza.” (Realidade, 63 anos).

Foi possível observar também que pessoas idosas são muito criativas e sábias em relação às suas decisões. Pois,

[...] Comecei a me reinventar, comecei a fazer coisas simples, que não fazia comumente, como faxinar a casa todos os dias, a lavar roupas (tinha preguiça até de ligar a máquina de lavar!) e lavar o banheiro. Minhas aulas de inglês também foram suspensas, comecei a revisar as lições do ano passado, escutando os CDs das lições. E quando pensei que tinham esgotado minhas opções, retomei meus quadros e meus livros de pintura (Dúvida, 70 anos).

Outros reagem de forma diferente, deixando que a angústia e o medo sejam superiores às possibilidades de superação de um período que não irá durar para sempre. “[...] são 4 meses que parece um pesadelo, parece que tudo ao nosso redor não vai passar, pois cada dia que passa são mais pessoas adoecendo e perdendo suas vidas.” (Ansiedade, 86 anos), ou ainda

Sonho em sair de casa e estar na rua, mas logo vem a angústia e me faço várias perguntas: depois desses 4 meses sem sair de casa, será que ainda vou saber caminhar na rua? Será que ao sair vou ser contaminada? Vou conseguir continuar minha vida de onde ela parou? Vou sorrir novamente como antes? Vou chorar no momento em que reencontrar meus amigos no Sesc? E no momento em que puder abraçar as pessoas da minha família, acho que vai ser o melhor momento, depois de tudo o que está acontecendo nesse planeta (Realidade, 63 anos).

Duas situações se afluam em mim nesse momento de confinamento: medo e aprendizado. Sempre me perguntando, porque ter medo do meu semelhante, das pessoas que tanto amo? Não poder chegar perto, isso seria impossível, olhar de longe, sofrer e fingir que está tudo bem só para não os preocupar (Aprendizado, 72 anos).

Mas, e a saúde mental? Por saber que fazem parte do grupo de risco e que a grande maioria das mortes pelo coronavírus são de idosos, fazem com que cresça a ansiedade, a sensação de impotência, medo, entre outras situações. Orientações estão sendo dadas para que tenham uma rotina durante essa quarentena como tarefas domésticas, escutar música, ler um bom livro, atividades manuais, cuidar de plantas e quintal, fazer uma receita culinária, escrever ou assistir um filme. É possível perceber que existe uma preocupação por parte dos sujeitos em seguir as recomendações dadas pelos profissionais da saúde. Vejamos como isso aparece premente nas falas seguintes:

Quanto às minhas limitações, não sofri muito, pois segui o mesmo ritmo de sempre: bordando, cuidando de minhas plantas, lavando roupa, lavando louça. Coisas foram me acrescentando como assistir novelas, filmes e programas religiosos (Coragem, 86 anos).

[...] no meio de tantas tristezas, tantas lágrimas, decidi me mudar. Aluguei uma casa e hoje estou no paraíso, hoje estou no paraíso, hoje estou realmente vivendo aquilo que mais prezo que é a minha liberdade [...] (Vitória, 70 anos).

Nunca houve tanta necessidade de trabalho voluntário para auxiliar esses idosos, tanto para realizar atividades fora de casa para eles, quanto para conversar e amenizar o sentimento de solidão. Para lidar com o momento com mais leveza, também foi urgente transformar a prática de cumprimentos à distância em um momento de interação. Diante disso, as falas nos revelam claramente esses sentidos:

Fui confortada e ajudada, mesmo com o distanciamento, por meio da tecnologia, por vizinhos e amigos de todos os grupos e de todos os lugares, até mesmo de outros estados, com orações e mensagens encorajando-me a lutar. (Saudade, 80 anos).

Pessoas não foram feitas para o isolamento social, sentir-se só é muito prejudicial para saúde. O momento foi procurar alternativas e buscar “conexões” para evitar a solidão entre as pessoas idosas. A esse respeito, as falas nos levam a essas reflexões:

Olha, meus mais de 2 meses de quarentena foi como uma injeção, pois tratou não somente meu coração, mas também, parte de meus sentimentos, pois aprendi que apesar de já ter esse conhecimento que a família é a nossa principal companhia. Me senti como se fizesse muito tempo sem tantos carinhos, cuidados, solidariedade e principalmente amor (Coragem, 86 anos).

Durante esse período foi impossível não relacionar a covid-19 à finitude. De acordo com Foucault, no seu livro: ‘As palavras e as coisas’, “A finitude do homem se anuncia -e de uma forma imperiosa – na positividade do saber, sabe-se que o homem é finito” [...] Nesse sentido, ademais, ele afirma

No fundamento de todas as positivities empíricas e do que se pode indicar como limitações concretas à existência do homem, descobre-se uma finitude – que em certo sentido é a mesma: ela é marcada pela espacialidade do corpo, pela abertura do desejo e pelo tempo da linguagem; e, contudo, ela é radicalmente outra: nela o limite não se manifesta como determinação imposta ao homem do exterior (por ter uma natureza ou uma história), mas como finitude fundamental que só repousa sobre o seu próprio fato e se abre para a positividade de todo limite concreto.

Nas cartas da pandemia, pudemos observar que os sentimentos de dor pela partida de familiares e amigos, a desesperança, solidão, sofrimento e tristeza, misturavam-se com os de esperança, superação, dedicação e gratidão por um tempo de adaptação e reinvenção do existir.

Falar de morte nos últimos tempos tornou-se muito comum. Mas sempre foi assim? A pandemia da Covid-19 trouxe ao mundo uma necessidade emergencial sobre se pensar e falar a respeito de como se deseja o próprio fim. Falar de morte é algo difícil, ainda que seja esta a única certeza que todo ser humano carrega consigo, desde o nascimento com vida.

Desta forma, socialmente se evita abordar o tema, porque na verdade ninguém está preparado para fazer essas reflexões. Afinal de contas, viver ainda é a melhor solução, mesmo em tempos difíceis.

Mas se pararmos para refletir, nunca foi tão necessário se falar de morte, sobre como se deseja morrer, sobre como se pensa o próprio fim.

Nesse sentido, afirma Morin (2000),

[...] Mesmo que possamos retardar a morte por envelhecimento, jamais poderemos eliminar os acidentes mortais nos quais nossos corpos serão esmagados, não poderemos jamais nos livrar das bactérias e dos vírus que sem cessar se transformam para resistir aos medicamentos, antibióticos, antivirais e vacinas.

Os últimos dias vividos pela humanidade mundo afora, em virtude da pandemia do Coronavírus, colocaram em xeque a continuidade da vida com dignidade. Assistimos perplexos, diariamente, aos inúmeros casos de pessoas que por conta da pandemia se viram longe do que esperavam e do que tinham planejado, projetado e perseguido para si. Desse modo, é possível observar a dor da perda na fala dos sujeitos “Além da perda dos amigos, o que mais me dói e não podemos nos despedir, isso faz com que não acreditemos no que está acontecendo” (Dor, 76 anos) e “O medo não deixa de ser uma reação circunstancial que faz parte dos momentos de solidão, saudade, confinamento e da morte que tem nos tirado amigos (as) e faz com que as lágrimas brotem (Confinamento, 74 anos).

Com toda certeza as pessoas não se imaginaram, nem no seu pior pesadelo, ser um número, de um corpo, dentro de um caminhão que carregava centenas deles para um enterro coletivo e sem despedidas. A esse respeito, a dor sentida em não poder velar um ente querido, traz um enorme sentimento de tristeza, percebida nas palavras de quem viveu essa perda

O meu período de isolamento social, foi muito difícil, eu e minha irmã fomos infectadas pela covid-19, ela não resistiu e partiu sem que eu pudesse me despedir. A minha maior dificuldade é conviver com a saudade, me sinto muito triste, não consigo deixar de chorar (Saudade, 80 anos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, percebe-se que neste processo de enfrentamento a uma pandemia, fomos convidados a nos reinventar para poder continuar. Hoje, temos horários específicos para a ida de idosos aos supermercados. O que nos parecia tão simples, hoje já não é mais. As entradas em supermercados nunca foram tão diferentes. Colaboradores, devidamente equipados com máscara e luvas e munidos de álcool em gel, abordam a todos que ali chegam. Como máquinas, fazendo um trabalho quase mecânico, borrifam álcool em gel em nossas mãos, passam álcool nos nossos carrinhos e nos orientam como devemos nos comportar dentro do estabelecimento. Nossa reação de medo, espanto e ao mesmo tempo agradecimento é transmitido apenas com o olhar que diz tudo naquele momento, pois as palavras faltam.

De repente nos vimos isolados ou “protegidos” em casa, fazendo e utilizando recursos que jamais imaginávamos precisar utilizar. Hoje, pedimos nossos suprimentos via *whatsapp*, sem precisar sair

de casa, confiando no bom senso do estabelecimento na melhor escolha. Se quisermos, hoje também não precisamos ir aos supermercados, as compras podem chegar até nós por serviço de *delivery*.

Segundo Morin (2000),

[...] (O Confinamento) Se prolongará ou se intensificará o despertar da solidariedade provocada durante o confinamento, não somente pelos médicos e médicas, pelos enfermeiros e enfermeiras, mas também pelos garis, pelos encarregados de manutenção, entregadores, caixas, sem os quais não poderíamos sobreviver.

São médicos, enfermeiros, farmacêuticos e psicólogos, profissionais de educação física, Gerontólogos, assistentes sociais, entre outros, realizando atendimentos online. Os músicos fazendo shows virtuais, as famosas “lives”, a todo instante para distrair e deixar os dias e noites mais alegres e com isso, em contra partida, arrecadando alimentos e itens de higiene extremamente necessários no momento atual, além de EPI’s para profissionais da saúde como aventais e máscaras. Em relação às máscaras, esse acessório hoje é necessário e de uso obrigatório, estamos aprendendo a utilizá-las e com isso os sorrisos ficam debaixo de um pano branco ou estampado. A comunicação agora é feita pelo olhar e esse às vezes pode ser revelador ao encontrar pessoas, mesmo com 2 metros de distância. Olhares que se cruzam e às vezes revelam medos e angústia.

Nesses tempos, tivemos que nos acostumar e até mesmo aprender a fazer vídeo chamadas para falar e assim ficar mais próximos de seus familiares, falar com os amigos por skype, aulas por vídeo conferência, aulas prontas via *whatsapp* para nossos filhos, preparadas pelos seus professores, pessoas se reunindo para recitar poesias. Uma idosa relatou que “A quarentena me trouxe um aprendizado bastante útil, pois agora sei entrar em aulas virtuais (online), assisto missa através da internet, falo por chamada de vídeo com minha família” (Coragem, 86 anos).

Um celular, um notebook e acesso à internet nunca foram tão necessários. Mas e os velhos? Têm acesso a essas tecnologias? Os que não possuem e moram sós, como estão se comunicando?

O que a pandemia vem nos trazendo de aprendizado? É possível fazer reflexões sobre nosso envelhecer no contexto atual? Ainda é possível aprender algo novo, mesmo com tantas incertezas do que realmente importa nesse momento? foi possível estreitar relações e vínculos afetivos com a família em momentos de medo? Diante dessas questões, podemos ver essa preocupação através de reflexões feitas pelos sujeitos “Do alto dos meus 72 anos, continuo aprendendo, a vida é um contínuo aprendizado. Nesse período, aprendi a aceitar minhas rugas, meus cabelos crespos e esbranquiçados e também meus limites” (Aprendizado, 72 anos). Poder se perceber de forma genuína, olhar-se, obter sensações relatadas com certa satisfação é um exercício que tem sido praticado e vivenciado pelos sujeitos. A esse respeito constata-se através das falas:

Tenho pra mim, que a humanidade estava precisando de um “freio”, para rever seus valores e pensar mais nos outros, próximos ou não. Pelo menos, nos meus altos 70 anos, aprendi muito, principalmente com valores internos em relação à minha família (Dúvida, 70 anos).

O confinamento uniu as famílias onde há muito tempo os pais não tinham tempo para ouvir os filhos e vice-versa e assim se conhecerem mais, estreitando o relacionamento, buscando o entendimento, união, respeito e principalmente a oração, buscando e vivenciando o amor a Deus (Confinamento, 74 anos).

O que todos sabemos é que este período complicado não irá durar para sempre, os sobreviventes, após muitas reflexões de tudo o que foi vivido, vão seguir suas vidas. Ainda não sabemos o tempo que levará para voltarmos à normalidade, mas acreditamos que ela virá. Esperamos que toda essa crise vivenciada no mundo, nos afete e que possamos, todos, crescer no individual e coletivo, valorizando as coisas que realmente importam nesta vida. As pessoas idosas, sujeitos do grupo de risco nesta pandemia, sentiram e vivenciaram na “pele” as consequências de viver no isolamento social e todas as suas consequências. A esse respeito, é perceptível notar na escrita dos sujeitos através de relatos das experiências vividas todas essas questões. “Estou ansiosa para que termine essa pandemia para que possamos voltar para as atividades novamente” (Vontade, 66 anos).

O desejo do fim é latente “Não está sendo fácil viver nesse mundo tão diferente. Procuo me reorganizar no que sou agora para o que era antes” (Confinamento, 74 anos). “Quando tudo passar e ter uma vacina, mesmo assim não ser normal. Será difícil. Porque houveram muitas perdas pessoais e econômicas (Perdas, 84 anos).

De acordo com Ramos (2012),

A vida não é algo acabado e pronto, por isso, ganha-se, mas perde-se, a cada instante, o que se ganha, construções e destruições a perfazem, formas e deformações a constituem. Tudo parece se criar e morrer, em um movimento contínuo, sem se perpetuar em seu movimento em direção a si mesmo e, sequer, em direção a qualquer ponto de partida ou de chegada.

Com base nisso é possível dizer que ao recebermos as cartas e analisarmos os conteúdos, foi perceptível constatar diversas reações e comportamentos vivenciados pelos sujeitos durante essa pandemia, entre elas as que nos chamaram mais atenção foi o medo de adoecer e de ficar desamparado, medo de morrer sem poder se despedir da família, medo de perder alguém da família, a dor profunda de quem perdeu um familiar, a preocupação excessiva com a saúde da família, alguns conflitos eventuais e intergeracionais na família conforme a longa convivência durante o isolamento, falta de concentração para realização de tarefas habituais, alterações no sono, a falta ou excesso de apetite, tristeza, irritabilidade, insegurança, a falta que as atividades físicas fazem na rotina e o que mais incomodou as pessoas idosas foi ter sua liberdade, direito de ir e vir e autonomia prejudicados com o confinamento.

Porém, os aspectos positivos na fala dos sujeitos foram bastante relevantes como a necessidade e capacidade do ser humano se reinventar para se adaptar às novas condições impostas, a experimentação dos novos aprendizados, da fé em acreditar que toda essa situação terá um fim, descobrir que você não precisa ter o controle de tudo, que nessa fase da vida “velhice”, o viver um dia de cada vez, fazendo o que é possível fazer, ainda pode ser uma opção viável em tempos difíceis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Foucault M (2020). *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Fundação Hospital de Clínicas Gaspar Viana (2020). *Estratégias para manutenção da saúde mental em tempos de pandemia*. Belém. 2020. Disponível em: http://www.gasparvianna.pa.gov.br/site_novo/wp/wp-content/uploads/2020/06/Estrat%C3%A9gias-para-saude-mental-em-tempos-de-pandemia.pdf. Acesso em: 9 jul. 2020.

Morin E (2020). *Um festival de incerteza*. Tracts de crise (Fôlders de Crise). 422p.

Ramos JBS (2012). *Por uma Utopia do Humano. Olhares a partir da Ética da Libertação de Enrique Dussel*. Porto: Edições Afrontamento. 302p.

Verdi NC (2020). *Cuidemos de nossos velhos. Cuidemos de nós*. 1 abr. 2020. Disponível em:

<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/cuidemos-de-nossos-velhos-cuidemos-de-nos/>. Acesso em: 8 jul. 2020.

SOBRE O ORGANIZADOR

ID LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul. Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agassiz, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235
aluno, 11, 23, 24, 33, 36, 38, 39, 62, 86, 87, 104, 130, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 187, 188, 189, 195, 200, 201
análise de conteúdo, 119
aprendizagem, 15, 16, 22, 23, 26, 30, 40, 55, 56, 60, 67, 68, 73, 78, 79, 81, 82, 83, 86, 87, 89, 103, 109, 112, 142, 147, 153, 154, 155, 173, 174, 175, 176, 185, 186, 187, 188, 190, 194, 195, 201, 202, 203, 204
avaliação, 20, 24, 33, 41, 68, 82, 102, 105, 115, 142, 153, 172, 210, 254

B

BNCC, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 76, 77, 79, 80, 81, 83, 86, 106, 107, 108, 111, 112
Brasil, 3
burguesia, 206, 208, 210, 220, 230, 231, 257, 260, 261, 263, 268

C

cartas, 158, 164, 167, 240
coletivo, 10, 66, 83, 91, 104, 114, 142, 165, 167, 172, 176, 252
colonização, 29, 221, 225, 233
complexidade, 16, 80, 84, 93, 99, 114, 169, 173, 174, 178
cooperatividade, 177
Covid-19, 7, 159, 164, 165, 180, 191
cultura, 10, 18, 19, 26, 37, 60, 67, 69, 70, 71, 77, 80, 82, 85, 86, 90, 110, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 128, 129, 130, 132, 135, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 151, 154, 174, 210, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221,

222, 228, 234, 235, 237, 248, 255, 256, 262, 265

currículo, 30, 36, 37, 38, 40, 58, 64, 74, 75, 77, 108, 112, 119, 120, 122, 125, 127, 128, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 141, 144, 146, 147, 148, 172, 240

D

democratização, 61, 77, 84, 88, 91, 93, 125, 177, 186, 191, 262
desigualdades sociais, 61, 69, 71, 72, 77, 82, 83, 102, 103, 173, 175, 177, 179, 181, 186, 249, 263
diálogo, 7, 8, 9, 10, 31, 55, 56, 87, 90, 98, 119, 195
didática, 62, 146, 147, 148, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 172, 179, 191, 197, 259
direito, 20, 30, 47, 50, 65, 71, 77, 78, 85, 96, 101, 102, 111, 113, 123, 124, 125, 140, 142, 167, 178, 184, 191, 194, 218, 238, 239, 241, 242, 243, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 256, 260, 261, 262, 263, 264, 275
direitos humanos, 47, 50, 109, 134
docência, 54, 62, 63, 66, 74, 81, 84, 87, 92, 146, 192

E

educação, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 20, 26, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 51, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 112, 114, 115, 118, 119, 126, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 140, 143, 144, 151, 152, 153, 154, 156, 166, 171, 172, 174, 176, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 194, 195, 198, 200, 201, 204, 205, 206, 208, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 223, 233, 234, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250,

251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 263, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 280

educativa, 10, 73, 80, 96, 180, 211, 245, 257, 265

ensino, 17, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 102, 106, 108, 112, 114, 125, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 194, 195, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 208, 219, 220, 223, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 253, 255, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 273

médio, 15, 17, 21, 22, 25, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 118, 120, 127, 131, 133, 134, 141, 144, 151, 243

remoto, 61, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 189

ensino-aprendizagem, 153, 175

envelhecimento, 160, 165

escola, 4, 7, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 49, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 106, 108, 114, 115, 116, 129, 132, 137, 151, 153, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 182, 185, 188, 190, 194, 200, 201, 218, 236, 240, 243, 248, 249, 254, 263, 264, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 273, 275

pública, 7, 14, 21, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 53, 56, 62, 78, 80, 87, 88, 92, 94, 116, 218, 240, 249, 265, 269

estudantes, 4, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 30, 31, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 46, 52, 54, 62, 77, 79, 80, 81, 82, 85, 89, 90, 104, 107, 121, 122, 127, 132, 133, 147, 153, 171, 177, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 194, 195, 200, 201, 202

eugenia, 205, 206, 208, 209, 211

F

formação, 12, 14, 20, 23, 24, 25, 26, 30, 33, 37, 38, 39, 41, 43, 47, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 102, 106, 109, 112, 115, 120, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 141, 142, 143, 146, 147, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 162, 172, 173, 175, 177, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 193, 195, 197, 198, 204, 210, 220, 226, 227, 241, 257, 259, 260, 265, 266, 267, 272, 273

de professores, 54, 55, 56, 57, 59, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 75, 76, 79, 81, 85, 86, 87, 89, 93, 94, 146, 147, 149, 152, 153, 156, 204, 267

humana, 115, 173, 182, 187, 188, 190, 191

leitora, 193, 195, 197, 198

função social, 80, 173, 176

G

gênero, 7, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 68, 85, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 140, 141, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 213, 219, 221

gestão escolar, 19, 20, 30, 91, 92

H

história, 4, 9, 10, 11, 19, 39, 46, 49, 51, 55, 62, 85, 93, 97, 102, 109, 123, 128, 129, 130, 136, 138, 140, 144, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 155, 156, 158, 159, 162, 164, 195, 196, 199, 207, 211, 212, 219, 224, 225, 233, 234, 239, 249, 254, 256, 257, 263, 266, 270, 271, 273, 274, 275

em quadrinhos, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204

humano, 10, 16, 47, 50, 55, 67, 68, 71, 86, 139, 160, 164, 167, 178, 187, 198, 202, 219, 250, 274

I

identidade, 8, 30, 31, 53, 58, 62, 72, 96, 98, 100, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 135, 140, 143, 206, 226, 263, 264
impactos, 20, 45, 47, 158, 179, 191
imprensa
educacional, 272, 273
Paranaense, 257
independência, 16, 49, 102
instituições escolares, 34, 218, 273
invisibilidade, 47, 51, 143
isolamento, 45, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 178, 189, 190, 193, 194, 201
itinerários formativos, 33, 37, 38, 40

J

judicialização da educação, 238

L

legislação, 34, 63, 64, 76, 78, 85, 88, 89, 114, 216, 238, 242, 243, 254
leitura, 9, 23, 25, 35, 116, 120, 121, 124, 126, 133, 136, 143, 144, 158, 160, 178, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 219, 239, 241, 249, 255, 256, 258, 270, 271

M

mercantilização, 181, 186, 192
militarização, 14

N

neoliberalismo, 72, 103, 181, 182, 183, 184, 185, 190, 191, 192

P

pandemia, 4, 7, 105, 158, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 186, 187, 189, 193, 194, 195, 200, 202, 203, 204, 280

Paulo Freire, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 55
pensamento complexo, 172, 173
percepções dos estudantes, 16
pessoa com deficiência, 44, 45, 46, 47, 48, 52
plano de curso, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 132, 133, 137, 142, 143
prática pedagógica, 56, 57, 62, 80, 106, 153, 154
precarização, 64, 66, 181, 182, 185, 186, 188, 189, 190, 192
processo de adequação, 41
professor, 11, 17, 37, 39, 41, 42, 53, 56, 57, 58, 61, 62, 66, 67, 68, 73, 74, 76, 80, 83, 84, 85, 86, 104, 105, 149, 152, 153, 154, 156, 169, 171, 173, 174, 176, 177, 178, 181, 185, 186, 187, 188, 201, 202, 207, 218, 259, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 273
professores da rede pública, 106, 257
profissionais da educação, 60

Q

química, 55, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156

R

racismo, 4, 113, 139, 140, 141, 143, 205, 206, 208, 209, 280
reforma, 29, 32, 33, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 58, 64, 65, 66, 75, 76, 87, 89, 102, 176, 186, 226, 241, 243, 244, 246, 247, 256
retrocesso, 106, 246
revista "A Escola", 257, 258, 259, 264
Rondônia, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 25, 26, 27, 28

S

sexualidade, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

V

viajante, 205, 207, 210, 212, 213, 214, 215, 216,
217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226,
230, 231, 232, 234



Contemporaneamente, a educação brasileira está envolta por tantas situações diversas, envolvendo todos os seus níveis e modalidades, que foi possível a composição desse terceiro volume da obra: “Educação: Dilemas Contemporâneos” – agora, há o foco no fazer pedagógico, diversidade na educação, racismo, histórias em quadrinho, educação em tempos de pandemia, entre outros assuntos.

ISBN 978-658831930-7



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br